Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 20 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

Anno 1.º | *Aveiro, quinta-feira 17 de Maio de 1883* | *Numero 2*

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

LISBOA - Gervasio Lobato

PORTO - Luiz de Magalhães

COIMBRA - Alexandre da Conceição

COLLABORADORES

Agostinho Pinheiro

Albano Coutinho

Albano de Mello

Alfredo Vieira

Alves da Veiga

Antonio Candido Ribeiro da Costa

Antonio Feijó

A. F. d'Araujo e Silva

A. Fuschini

Augusto Rocha

Camillo Castello Branco

Carlos Lobo d'Avilla

Conde de Samodães

Fernando Caldeira

Francisco Regalla

J. Honorato Regalla

J. de Magalhães Lima

Jayme Victor

Joaquim de Vasconcellos

Lourenço d'Almeida e Medeiros

Luiz Guimarães

Marques Gomes

Mello Freitas

Monteiro Ramalho

Oliveira Martins

A. Pequito

S. de Magalhães Lima

Teixeira de Queiroz

Thomaz Ribeiro

Visconde de Benalcanfôr

Visconde d'Ouguella

UM TRECHO

DA

DELFINA DO MAL

POR

THOMAZ RIBEIRO

A Locomotiva preza-se de galante e de respeitadora da propriedade alheia. Por isso apetecendo-lhe publicar a descripção possante do seu homonimo feita pelo grande lyrico Thomaz Ribeiro em poema vulgarisado, *A Locomotiva* não se furtou ao dever, aliás sacarino, de solicitar respeitosa licença para a transcripção. E grato é dizel-o, uma prodiga fortuna deu-lhe o mimo d'essa concessão, e deu mais... a segurança de que o precioso poeta collaborará n'este periodico apenas «saia do governo.»

Ora haverá n'este caso quem não deseje a queda do ministerio?

Entretanto deliciemo-nos com as suas anteriores estrophes.

Monstro de fogo, arrebata-me!
silva! muge! ao norte o rumo!
sacode as crinas de fumo!
leva-me, igneo furacão!
rasga a terra! sobe! afunda-te!
róla! devora os espaços!
retesa os teus ferreos braços!
abre as crateras, volcão!

Monstro—arrojo—reptil—machina.
de multiplicar a vida,
fez-te a sciencia, o estudo, a lida,
que inventa, cria, destroe;
e ao crer-se o homem no vertice
dos destinos (que o dirigem!)
sentou-se e disse:—Vertigem!
Creei-te, leva-me!—E foi!

E, coriscando relampagos,
o novo férvido nume
traçou lavouras de lume
em todo o globo. e passou!
e os horisontes chegaram-se,
e os povos viram-se ao perto,
e illuminado o deserto
disse:—o deserto acabou;

EM FRANCFORT

(CONTINUAÇÃO)

A povoação é deveras interessante pelo contraste profundo que apresenta da antiguidade mais acentuada com o ar essencialmente moderno que se respira nos bairros construidos recentemente, e nos que se vão prolongando por uma das margens do Mêno, em cujas aguas a opulenta cidade vê espelharem-se os coruchéos e as grimpas douradas dos edificios.

A rua dos Judeus, ou a Judengasse, a que o meu amigo Porto Alegre alludia nas breves palavras que trocamos de manhã, é effectivamente uma das curiosidades mais surprehendentes de Francfort, mas quanto differe profundamente do tempo em que Victor Hugo a descreveu!

As raras empênas, que restam, dos telhados em fórma triangular, e em cujos lados cobertos de ardozias escuras se rasgam ás vezes tres ordens de trapeiras; os pateos lôbregos a que dão luz as frestas esguias dos altos muros que os fecham; as janellas acanhadas, cujos vidros grossos, redondos e opacos, como fundos de garrafas brancas pegados uns nos outros por chapas de chumbo, reflectem no interior das casas uma luz baça e tristonha; as portas sobre cujos cantos superiores as aranhas tecem as suas têas transparentes com uma teimosia digna de Penelope; todos esses vestigios das antigas judiarias, cujos recessos tantas vezes foram devassados pelas tochas incendiarias dos christãos intolerantes e fanaticos, e ensanguentados pela ascuma ou pelo arcabuz dos perseguidores, não tardará muito que desappareçam debaixo do alvião demolidor. Os restos, que subsistem dos bairros acanhados e das casas estreitas, carunchosas, carcomidas pela lepra dos seculos, são bastante interessantes ainda, para absorverem durante algum tempo a attenção do viajante. Perto d'aquellas construcções medonhas, em cujas nesgas apertadas de frontaria revive a condição atormentada da raça, que as levantou, nos tempos em que a intolerancia religiosa cavava um abysmo immenso entre christãos e judeus, ergue-se hoje com o orgulho de uma vasta cathedral e com a pompa de um edificio imponente no estylo byzantino a nova synagoga.

Nas torres coroadas de emblemas, nas proporções vastas do edificio onde avultam os lavores, os relevos, e cujos campanarios se arrojam para o céu com a arrogancia de Titaens de granito, resume-se á distancia profunda que separa do presente o passado, abysmo incomparavelmente mais largo do que o que outr'ora se mettia de permeio entre os catholicos perseguidores e os infelizes leprosos moraes da raça hebrêa.

As ruas novas de Francfort são muito largas e rivalisam á porfia em prestar homenagem á linha recta. O que é principalmente encantador, como se não vê melhor, nem em Pariz nem em Londres, é essencialmente moderno dos bairros recentemente edificados. As casas são lindissimas e do gosto mais delicado; os jardins que as cercam cheios de flôres, de sombra e de frescura, cingindo a estas habitações uma serie continuada de «squares», que nos recordam os mais amenos e socegados de Kensington e de S. James.

A architectura dos edificios dos bairros novos de Francfort é tão elegante como opulenta, e justifica plenamente o conceito de que actualmente estão gostando na Europa os architectos de Berlim, de Munich, e de Vienna, cuja eschola prepondera em Allemanha.

Queria fallar-lhes detidamente da cathedral, da egreja de Santo Estevão, onde se encontram algumas raridades artisticas, taes como um Christo nos joelhos da Virgem, que dizem ser de Alberto Durer, uma pintura em couro e o tumulo do imperador Gunthero Schwarzburgo, do seculo quatorze.

O que mais me agradou pelo perfume de endalismo, que ali se respira, foi vêr brilhantemente coloridas nas paredes das grandes naves lateraes do templo as figuras em corpo inteiro de cavalleiros, coroadas de brazões, e erriçadas, em redor, de azas de hippogriphos, de cabeças de ursos e de javalis, de pontas de rhinocerontes, de mãos a empunharem espadas, de todos os emblemas finalmente do antigo rei de armas da Allemanha dos imperadores.

Do côro, onde ha «frescos» admiraveis, atravessa-se por uma porta para o recinto sagrado, em que era proclamado pelos eleitores, depois de deixarem o «Kaissersaal», o imperador escolhido.

A eleição dos imperadores fazia-se no Roemer, edificio grande, triste, o vulgar, convertido actualmente em palacio do municipio. Não corresponde a physionomia pouco acentuada do edificio á grandeza historica dos personagens que se abrigaram debaixo dos seus tectos e alli foram eleitos imperadores da Allemanha, imperio que projectava sobre a Europa a sombra do estylo seu immenso poderio durante a série não demasiado longa de quarenta e cinco imperadores.

Quando percorremos os novos bairros que enlaçam Francfort com um cinto de verdura e de flôres, ás varandas, por cujas vidraças abertas se entrevêem mobilias luxuosas e decorações interiores—todas confôrto—das salas dos argentarios convertidos á fé prussiana do sr. de Bismark, vêem-se assomar algumas senhoras, que nas faces rosadas e nas fórmas opulentas inculcam pertencer á familia das bonecas de Nuremberg.

No tempo em que junto da Dieta havia em Francfort o corpo diplomatico, parece que algumas paixões mysteriosas animaram as boas das bonecas vivas de Francfort, as quaes, depois d'esse periodo de galanteria, que acabou, dizem, os proprios Rotchilds, ficaram condemnadas a engordar de aborrecimento, sentadas nas suas poltronas, ora arriscando um passeio até á beira do Meno, ora indo de noute até ao magnifico salão dos concertos aonde muitas vezes se ouvem as orchestras de Wagner e de Strauss.

Lembrando-nos de que a cidade dos imperadores, dos arcebispos, dos concilios, e da Dieta, em que tantos vultos notaveis tumultuaram na scena agitada da politica e das disputas religiosas, d'onde se impunha a lei á Allemanha inteira, e que mais tarde se coroou com o diadema de cidade livre, é actualmente uma agencia de emprestimos, uma colonia de argentarios, um escriptorio de banqueiros, fustigados ainda ha pouco pelo chicote do principe de Bismark, a quem detestam em segredo e deante do qual se curvam em publico trespassados de medo, descremos da historia, da dignidade dos homens, achamos providencial que tudo isso seja calcado aos pés pelo ministro ambicioso de um imperio guerreiro.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

BOTA-FORA

Adeus; eu fico na *gare*.
Sempre venho ao *bota-fora*;
receio que se repare,
sendo eu cá da terra, embora
viva por longe, que á hora
da partida eu desampare
irmãos dilectos... E agora,
um bom abraço e adeus... (Páre...).
Adeus... Depressa... Voadora
Locomotiva, devora
as distancias... Deus te ampare.
Adeus, eu fico na *gare*.

FERNANDO CALDEIRA.

O ZAIRE

I

Vai largamente discutida na imprensa a questão levantada entre Portugal e a Gran-Bretanha a proposito das negociações entaboladas, para a occupação dos territorios da Costa Occidental d'Africa, comprehendidos entre o Ambriz e Molembo.

E' manifesta a justiça da causa portugueza; os argumentos em que se fundam os nossos direitos tem sido claramente explanados.

Não obsta, porém, a extenção do debate a que entremos tambem no assumpto. Vimos tarde para apresentar elementos novos, mas a tempo de contribuir, com o nosso trabalho, para a divulgação da justiça, que nos assiste.

N'um negocio d'esta importancia é necessario levar ao conhecimento de todos o processo, que se discute, para que fique como protesto, quando não consigâmos ver triumphar os nossos direitos.

D'um lado está uma grande nação, a Inglaterra, poderosa, insaciavel na sua ambição, armada da auctoridade moral, que adquiriu na crusáda philantropica em que ha longos annos se empenha e com a qual tenta encobrir o egoismo da sua politica: d'outro está Portugal, um povo pequeno, è verdade, mas que outróra á custa de improbos trabalhos e do generoso sangue dos seus filhos abriu á civilisação os largos horisontes em que ella se expande, e que presentemente se esforça por continuar a sua missão historica á custa de sacrificios enormes.

São deseguaes os contendores; mas na epocha de civilisação que atravessamos será licito esperar que Portugal vença?

Não é a primeira vez que a força do seu direito lhe dá a victoria; e se assim não acontecer, agóra, venceremos moralmente e ficará salva a dignidade da nação.

O nosso trabalho tem um fim patriota—o de concorrer para a publicidade do escandalo, que manchará a bandeira ingleza, se os nossos direitos forem atropelados.

Antes, porem, de entrar no assumpto declaramos que buscaremos tratal-o longe da influencia das paixões politicas, que teem d'algum modo desprestigiado a santidade da causa.

Na questão colonial todos os partidos teem culpas eguaes. Nenhum é melhor do que outro.

Todos pelo seu desleixo são responsaveis pela decadencia a que chegou o territorio portuguez d'além-mar; quando na opposição abusando d'aquellas *preciosas joias*, como flores de retorica, para excitar paixões e impedir a marcha regular da administração; quando no governo addiando indeffinidamente a solução do grave problema da sua regeneração.

O Conde do Lavradio, um benemerito, que por longo tempo representou dignamente Portugal na corte de Londres e que era lá justamente considerado pelas suas altas qualidades, já em 1862 dizia em officio ao Marquez de Loulé, então ministro dos negocios estrangeiros, estas palavras cheias de desconforto:

«Muitos annos ha que o governo de Sua Magestade está declarando que vae incessantemente occupar-se da grande questão das nossas colonias, mas até agora nada tem feito tendente a conservar o que tem ou a recuperar o que perdou, excepto a occupação do Ambriz, cuja conservação foi inteiramente devida aos meus esforços e á minha energia, o que posso provar com documentos e com o testemunho de pessoas insuspeitas.»

De 1862 para cá a sorte das colonias tem sido a mesma. Apezar dos esforços da Sociedade de Geographia de Lisboa esperam ainda o Messias que as redima.

Pelo que respeita á marcha, que o actual governo deu ás negociações entaboladas sobre o Zaire, é para nós ponto de fé que ella seria a mesma embora estivessem no poder os que tanto censuram os actuaes ministros.

Ninguem depois da occupação do Ambriz se attreveria, sem previo consentimento da Inglaterra a arvorar a bandeira das quinas nos territorios, sobre que temos direitos reservados.

Só com difficuldade aquella occupação foi acceite, como facto consummado o que se deduz do officio do Conde do Lavradio acima citado.

Ponhamos portanto de parte as paixões politicas em assumptos d'esta natureza, que não comprehendemos como possam ser tractados sob tal influencia.

Quando os interesses da patria estão sériamente ameaçados, quizeramos vêr unidos os esforços de todos os partidos.

(*Continuaremos*).

F. R.

TERRORES DE MULHER

PARAFRASE

O meu batel te espera... As auras cantam
Nas largas dobras da argentina vela:
Vem, meu amor, fujamos sobre as ondas...
—Tenho medo do mar, não vou—disse ella.

Sorri no Oriente a ruiva Madrugada
Salpicando de luz a gruta e o rio:
Vem respirar os halitos da Aurora
—Tenho medo, disse ella: —o ar é tão frio!

Desdobra a Noite solitaria e muda
Os lutulentos véus... A lua aponta...
Dá-me o teu braço, vem! - Não vou - disse ella:
A escuridão da noite me amedronta.

Mais que o sol, mais que a aurora, o céo e os astros,
Oh lyrial criança, és pura e bella!
Porque me foges? diz! rogo-t'o em lagrimas...
—Tenho medo de ti—respondeu-me ella.

LUIZ GUIMARÃES.

BOSQUEJO HISTORICO DOS CAMINHOS DE FERRO

I

INVENÇÃO DOS RAILS

Notavel era o cuidado com que os Romanos construiam os pavimentos das suas historicas estradas das quaes alguns vestigios ainda existem em muitos pontos da Europa.

Reunindo pedras de grandes dimensões por meio de cimentos naturaes consolidaram as vias de grande movimento n'uma espessura que chegava a attingir dous e tres metros!

As orlas das faxas viaveis eram formadas de blocos enormes assentes e travados de modo que a rolagem das carretas, tanto de guerra como de commercio, se executava com attrito doce e sem choques nas rodas.

Este solido systema de construcção, pelo facto de ser dispendioso e difficil para muitos pontos onde não havia pedra, foi pouco a pouco sendo posto de parte até que por economia e facilidade se chegou ao systema simples das calçadas de quartz rolado em que parallelamente eram embutidas duas faxas planas de cantaria dura apparelhada, sobre as quaes assentavam e se moviam ao rodas dos vehiculos.

Ainda hoje este systema, conhecido pelo nome de «Milanez» é com vantagem empregado em algumas cidades européas, principalmente nas que teem ainda as antigas ruas estreitas.

Os cavallos ou muares marchavam sobre a entrevia da calçada de quartz.

A pratica, que hade ser sempre a verda-

deira mestra da vida, foi ensinando que quanto mais planas, duras e unidas eram as guias de pedra melhor e mais suave se tornava o movimento das rodas.

Esta feliz observação, secundada pelo aperfeiçoamento metallurgico da extracção do ferro, levou à substituição das guias de pedra por placas de ferro.

Foi esta, em summa, a origem primitiva das vias ferreas.

Esta transformação das guias prestava-se a uma tracção mais facil e não dava logar a tanta somma de attritos mas tinha o inconveniente de não evitar oscillações lateraes.

Para obviar a este defeito foram praticados mais tarde umas ranhuras nas placas por onde as rodas seguiam sem movimentos lateraes. Se esta solução por um lado destruia uns defeitos, por outro acarretava muitos inconvenientes novos, taes como os assoriamentos e os depositos de detritos de toda a especie, principalmente na occasião de chuva.

Tendo-se renunciado a este meio de construcção houve depois a feliz lembrança de collocar as placas salientes sobre vigas de madeira orlando-se o perimetro das rodas com os rebordos sufficientes para que não saltassem fóra dos guiadores.

Tal foi o passo gigante na construcção das vias ferreas destinadas n'aquella epoca exclusivamente ao serviço das minas metallicas, das pedreiras e dos grandes estabelecimentos industriaes.

A forma da secção tranversal da parte ferrea dos guiadores foram passando por taes transformações que os typos dos actuaes *rails* nada teem de commum nem de semilhança com as placas das primitivas vias ferreas.

CONTINUA.

A. F. D'ARAUJO E SILVA.

REAL FABRICA DE PORCELLANAS DA VISTA ALEGRE

I

São geralmente conhecidas em todo o paiz os magnificos productos d'esta fabrica, no seu genero em Portugal e incontestavelmente uma das primeiras da Peninsula Iberica. Da excellencia d'elles é escusado fallar aqui, pois todos os conhecem e apreciam devidamente.

Com relação a fabrica, porem, já não acontece o mesmo, falla-se da porcelana da Vista Alegre com o louvor de que é digna, mas sem se conhecer o mais das vezes o local, condições da fabrica e bem assim as materias primas de fabrico n'ella empregadas.

Poderiamos citar innumeros exemplos que comprovam este facto, mas é mister não fatigar o leitor.

A fabrica está situada no concelho d'Ilhavo, distante apenas da estação do caminho de ferro em Aveiro sete a 8 kilometros, trajecto que se pode fazer em carruagem e por pouco dinheiro.

Gastando-se 2 horas, e 1500 reis, pode o viajante que se apear na propria estação ir visitar o magnifico estabelecimento fundado em 1824 pelo benemerito José Ferreira Pinto Basto, chefe d'essa grande familia, que tantos e tão repetidos serviços tem prestado á liberdade, e á industria portugueza.

A fundação na fabrica do concelho d'Ilhavo, não foi questão de mero acaso, nem mesmo a conveniencia do seu fundador possuir já ali importantes propriedades.

A causa foi outra, e vem a ser esta.

Como é sabido os primeiros ensaios para fabrico da porcellana dura em Portugal foram feitos no ultimo quartel do seculo passado, pelo general Bartholomeu da Costa, empregando como materia prima, differentes barros explorados nas visinhanças de Aveiro.—A noticia d'estas experiencias e os resultados d'ellas, é que levaram o sr. José Ferreira Pinto Basto a emprehender outras de que resultou a fundação da fabrica, sendo escolhido o local nas proximidades de Aveiro, por se dizer que era d'aqui o barro de que Bartholomeu da Costa se serviu.

Uma das primeiras obras realisadas em 1824 na Vista Alegre, foi um forno, feito segundo o risco e direcção de Domingos Raimão, oleiro d'uma fabrica de Coimbra, e as primeiras experiencias realisou-as Bento Fernandes, mestre de olaria da fabrica do Rato; com o barro de Oitil, concelho de Cantanhede, e o de Talhadella, do Concelho d'Albergaria a Velha.—Foi pouco satisfatorio o resultado obtido, mas ainda assim a idéa da fundação da fabrica não soffreu quebra, pois o seu fundador redobrou de esforços para obter a desejada porcellana, o que só mui tarde conseguiu depois de consumido immenso tempo e um grande capital.—Vieram barros de todos os pontos do paiz, mas entre elles não se encontrou o kaulin, pelo que durante annos a fabrica em vez de boa porcellana, produziu tão sómente má faiança. Este mal não pode ser remediado pelos artistas estrangeiros contratados em Allemanha, que conhecendo o trabalho dos materiaes a que nos seus paizes estavam habituados, não podiam fazer obra com os que na Vista Alegre se lhes offereciam.

Em 1830 mandou o fundador a França um dos seus filhos, o sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, a fim de estudar na fabrica de Sures, os diversos processos de fabrico ali usados. Com o regresso d'aquelle cavalheiro procedeo-se a novas e repetidas experiencias, mas sempre sem melhor resultado, até que em 1834, por diligencia d'um simples aprendiz de oleiro, Luiz Pereira Capote, se obtinha o appetecido *desideratum*, a descoberta do kaulin, cujos jazigos eram em Val Rico, concelho da Feira.

Descoberto o kaulin, principiou logo a fabrica a produzir porcellana dura, datando portanto de 1834 o seu fabrico, que se foi aperfeiçoando gradualmente, de forma que em 1840. principiou a poder competir em qualidade com as fabricas estrangeiras.

Os progressos feitos na Vista Alegre no fabrico da porcellana, tem continuado sempre, e tudo leva a crer que não estacionem tal é a activa e intelligente direcção que actualmente tem a fabrica e lhe tem grangeado honrosissimas distincções.

MARQUES GOMES.

AS CATACUMBAS DE PARIZ

A. C. W. Stirling Esq.

Pariz, a cidade-nação, a realeza despotica da França liberal, o circo immenso das devassidões phreneticas e dos enthusiasmos gloriosos, o tablado offuscante das desgraças medonhas e das vaidades sublimes, Pariz é ôca, como são ôcos e vãos os tablados, os circos, as realezas.

Pariz usa mascara assetinada e risonha. Mas Pariz é terrivel. Tem as faces rasgadas pelo latego dos cyclones sociaes. Todas as tempestades passam por alli. Se estruge o furacão das iras religiosas, o supplicio dos calvinistas, Saint-Barthelemy, La Journée des Barricades esculpem-lhe a desolação. Se rebrama o furacão das luctas politicas, a Fronda a vaga de 93 alastrando-se indomita até 97, Napoleão I, a batalha de Pariz, as revoluções de 1830 e 1848, Napoleão III, Bismarck, e a communa escrevem, em caracteres de chamma e de sangue, lugubres historias.

Todas estas tempestades assignalam a sua passagem com ruinas. Agora mesmo o Hotel de Ville e as Tulherias escancaram as suas chagas horrorosas. Mas Pariz sabe esconder, com presteza, sob um véu doirado todas as tristezas.

No emtanto Pariz é terrivel.

Pelos seios seus passam, occultas e quasi ignoradas, arterias e veias monstruosas, de dimensões collossaes, onde se some toda a hediondez. Umas são os canos de esgoto, onde Victor Hugo viu biblicamente a consciencia humana. As outras são as Catacumbas. Todas formam um abysmo, immundo e funebre, sobre que dançam as alegrias e vertigens do mundo.

O subsolo de Pariz é perfurado em todos os sentidos. Por isso Pariz é realmente ôca.

Pariz subterranea é 3 vezes maior que Pariz superficial. Assentando a cidade sobre uma area de 24 kilometros, os seus labyrinthicos tunneis occupam 700. Só aos canos de esgoto pertencem 240. A extracção de pedra para construcções originou, desde o seculo 14, esses subterraneos, que abertos sem cuidado e apenas ao capricho dos exploradores, causaram a submersão de innumeras edificações. Luiz XVI, em 1876, para impedir tão tremendos estragos, ordenou uma visita aos subterraneos e o levantamento dos planos de todas as excavações. Em 1777 a consolidação dos tunneis ficou a cargo de uma companhia de engenheiros.

Em 1786, estabeleceram-se nos subterraneos de Montsouris as catacumbas, onde foram recolhidas as ossadas dos cemiterios de Pariz, putrida origem de epidemias assassinas. Só o dos innocentes concorreu com 3 milhões de esqueletos!

As catacumbas tem muitas entradas. Penetremos pela da Barrière de l'Enfermunidos do singelo castiçal que alli se obtem; —uma vela fixada na extremidade de uma pequena e tosca palmatoria de madeira, tendo por arandella um largo disco de papelão.

Descendo 90 degraus, encontra-se uma galeria de 19 metros de altura e 10 de largura a que se segue um longo caminho que serpêa até ao vestibulo das catacumbas.

Arrête, c'est ici l'empire de la mort, está escripto n'elle,

Alli, e só alli, começa a democracia. Os cemiterios são aristocraticos. N'elles ha distincções: os pobres vão para as vallas, os ricos para os mausoleus. N'elles ha privilegios de nação e de religião. Nas catacumbas ha mais do que igualdade, ha mais do que fraternidade, ha a promiscuidade cosmopolita.

Alli começa a necropole, com o seu complicado systema de ruas, por onde se caminha sempre entre duas muralhas de ossos. Hericard de Thury, sob intendencia do Prefeito Trochot, fez dispôr com ordem e arte.

Percorrendo estes funebres caminhos encontra-se o monumento de Paestum, o Sarcophago do Lacrimatorio, os tumulos da Revolução e das Victorias, e o museu Osteologico, que encobrem com as suas inscrustações osseas grandes obras para a consolidação dos subterraneos.

O monumento de Paestum, onde foram recolhidos os despojos do cemiterio de S. Lourenço, é notavel pelo pedestal que está ao fundo, formado todo de ossos a que servem de moldura tibias gigantescas, e tendo por ornato superior uma caveira. Tira o seu nome de ser decorado com pilastras no estylo das de Paestum, cidade muito celebrada, outr'ora pelas suas rosas, agora pelas suas ruinas!

O Sarcophago do Lacrimatorio, formado de craneos e facetado com cruzes de tibias, é o tumulo de Gilbert, poeta satyrico de grande valor, a quem a quéda de um cavallo affectou o cerebro. Recolhido no Hotel-Dieu, n'um accesso de loucura engulio uma pequena chave, d'onde lhe resultou a morte aos 29 annos em 1780. Poucas horas antes de morrer, suspirou versos cheios de dôr como estes:

Au banquet de la vie infortuné convice
j'arrive un jour, et je meurs.
Je meurs et sur la tombe où lentement j'arrive
nul ne viendra verser des pleurs.

O tumulo da Revolução e o tumulo das Victorias são capellas cujas paredes verdes estavam forradas d'ossos dispostos regularmente, com relevos de craneos desenhando curvas elegantes e magestosas cruzes. N'estas capellas se guardam as reliquias das primeiras victimas da Revolução e da carnificina de 2 e 3 de setembro de 92, matança horrorosa mas que Marat achou pequena, lamentando na tribuna que não tivesse derrubado 500 mil cabeças!

O museu Osteologico onde se separaram e classificaram os ossos, sobre que a sciencia podia fazer alguma observação, é variado e opulentissimo. Alli veem-se exemplares de todas as disformidades osseas. Alli veem-se exemplares de todas as disformidades osseas. Alli a Ostheographia tem muito que estudar sobre as differenças de raça, e degeneração da especie humana, n'um largo espaço de tempo. Ha alli specimens com mais de mil annos.

Todos estes recintos são vastos. Communicam-se por sinuosos e longos corredores. Um d'elles tem 7 kilometros de extensão. A sua rede é tão inextrincavel que os Guias das Catacumbas precisam frequentes vezes de se orientar pelas observações escriptas nas margens de um largo traço negro, que se vê distinctamente nas abobadas. Na vespora da minha visita, foi alli encontrado morto um trabalhador que se perdera n'aquelle dedalo mortifero.

O visitante aspirando um ar espesso e gelido, caminhando sobre agua, no meio da escuridão levemente quebrada pela sua debil luz, sente-se phisicamente mal. Aggrava-se-lhe assim o decline para as ideias funebres, que lhe suggere implacavel a contemplação permanente, durante horas, dos restos de tantas gerações humanas!

Aquelles ossos amarellentos realizando na morte allianças anachronicas, monstruosas, impossiveis na vida, destacam-se lugubremente dos muros humidos, esverdeados.

Le nombre ici est rien, la foule est solitaire.

Lê-se alli, entre muitas, esta inscripção de Lemière.

Os habitantes da necropole serão solitarios. Mas alli ha vida, triste, silenciosa.

Aquelles craneos atravessam-nos com os seus olhos esgasiados. N'um d'elles vi um animal pardacento e gelatinoso occupando toda uma orbita. Era um olho enorme e lugubre!

Pelas orbitas de outro gotejava o gypso da parede lagrimas esverdeadas. A caveira era de uma tristeza horripilante.

Em alguns a maxilla inferior, desprendendo-se de lado, contra-fazia sorrisos, satanicos n'uns, alvares n'outros.

Cada craneo tem a sua expressão. Aquellas boccas profundas murmuram. A Phrenographia de todos elles seria um trabalho tão interessante, como proveitoso.

Por as paredes humidas, e por entre as sombrias ossadas, movem-se vagarosamente troglodytas asquerosos.

Victor Hugo escreveu:

Partout sur les parois du morne monument
quelque chose d'affreux rampe confusement.
Et celui [illegible] parcourt ce dédale informe,
comme s'il était pris par un polype enorme,
sur son front effaré, sous son pied hasardeux,
sent vivre et remuer l'edifice hideux.

Oh! Com que anciosa alegria se sae das Catacumbas. Quando se aspira o ar mais puro, e se encontra a luz do dia, o espirito desanuvia-se, e liberta-se das pesadas ideias que o acabrunhavam nos subterraneos. Ha como que o desapparecimento de um remorso!

A' saida o visitante é convidado a escrever o seu nome n'um livro apropriado, e as suas impressões n'um album rico de inspirações scintillantes. Quando m'os apresentavam, vi que prendiam um homem elegantemente vestido. Soube que havia roubado um dos visitantes.

Descera ás Catacumbas para roubar, como para trabalhar o operario encontrado morto, como eu para satisfazer a minha curiosidade.

A curiosidade, o trabalho e o crime! As tres alavancas olympicas que abalam o universo!

N. B.—Rasgando implacavelmente do meu *memorandum* estas impressões, observo que ellas tem a data 17—5—83! Ha 10 annos estava eu em Pariz com o meu director Ch. Stirling. Passados 10 annos elle está na Jamaica e eu na terra dos orangotangos. Louvores a Deus nenhum de nós jaz na enfermaria!

CARLOS FARIA.

A LOCOMOTIVA

Quando ella passa atravez das serras e das campinas, fazendo ouvir a sua pulsação vigorosa, ligeira como a onda da agua, imponente, e magestatica como a vaga do oceano, eu quizera acompanhal-a na sua marcha acelerada á conquista do infinito.

Na impossibilidade de o fazer, entrego ao prelo estas linhas insignificantes, como um pedaço de combustivel que não augmenta o decoro do calor á machina. Aconselho a «Locomotiva» da ideia, na rectaguarda, em compartimento de 3.ª, com o bilhete obsequiosamente cedido, irei observando as phalanges esplendidas dos que, assim viajam e opulentam estas paginas com as faiscas brilhantes dos seus cerebros, n'um cavaco animado, alegre e interessantissimo.

Com uma companhia tão amavel e tão escolhida, viajar é uma delicia, é um encanto. A «Locomotiva» está em *folha*, não ha de ter avaria. O machinista é discreto e consciencioso, não ha receio de desastre. Um choque é impossivel.

Pela minha parte o mais que posso fazer, é entregar ao *foguero* para reduzil-as a carvão, a tiras de papel em que escrevo, e colocando-me n'uma posição grave, levantar na dextra a bandeira verde desenrolada.

ANNUNCIOS

HOTEIS

LISBOA—*Hotel Bragança* disputa e ameaça sobrepujar o Hotel Central. Exceptuando este, é sem duvida o primeiro hotel

de Lisboa e do paiz. N'elle se hospedaram os Imperadores do Brazil e a Princeza Ratazzi. E' o escolhido de preferencia pelas embaixadas estrangeiras. Encontra-se alli, em brilhante equilibrio, o conforto, a elegancia, o luxo e a justiça dos preços.

PORTO—*Grande Hotel do Porto* é o principal d'esta grande e opulenta cidade. Construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não ha segundo na Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DE SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no porto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pelo posta. tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* [illegible] habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto.

MADRID—*Grand Hotel de la Paix*, propriedade dos srs. Capdville & Compagnie, é um estabelecimento parisiense. Situado na Puerta del Sol, no coração de Madrid, senhor de um enorme edificio não acha concorrencia que o suplante.

MADRID—*Hotel de Paris*, esplendida hospedagem. Vistas sobre a Puerta del Sol, calle de Alcalá e Carrera de S. Geronimo é o mais bem situado hotel de Madrid. Todo o rez-dechaussée é occupado pelo Café Imperial todas as noites ha concertos magnificos.

SEVILHA—*Grand Fonda de Paris* é o melhor hotel da capital da Andalusia e montado sobre as melhores modelos europeus. O seu pateo é uma vasta e formossisime estufa, como poucos jardins botanicos poderão ostentar.

Tem soberbas acomodações com rica mobilia.

PARIS—*Grande Hotel*, na Praça da Nova Opera, 12 Boulevard des Capucines, sob a direcção de Mr. Van Hymbeeck.

Tem 3 elevadores que sobem até ao 5.º andar. Almoço por 5 francos, incluindo vinho café e cognac. Jantar de meza redonda por 8 francos, com vinho.

PARIS—*Grand Hotel do Louvre*, sobre os afamados magazins do Louvre, tem 700 divisões entre quartos e salas. Meza redonda e preços modicos.

PARIS—*Hotel Continental*. Uma maravilha como só se vêem nos Estados-Unidos. Em frente do Jardim das Tulherias, com entrada pela Rua Castiglione.

Magnificencia, e economia.

LONDRES—*Hotel de Paris e da Europa* um dos rarissimos com cosinha franceza, é ruidosamente concorrido por viajantes—9 Leicester Sqre, cerca da gare de Charing—Cross.

ALFAIATES

MADRID—*Muñoz y Pedraza* ao sair da Puerta del Sol para a Calle Mayor. E' sem reparo algum o mais procurado estabelecimento d'esta especie. Os fatos tem um córte de superior elegancia. São celebradas as suas collecções de lenços, gravatas e camisas de manhã.

LISBOA—*José Maria Catarro*, Rua Aurea, 100. Antigo professor de modas tem optimas estofos e officiaes perfeitos. As fazendas que emprega são sempre cuidadosamente examinadas.

PORTO—*Filippe Louzada*, Rua de Santo Antonio, não tem competencia no córte. E' o alfaiate dos elegantes.

SAPATEIROS

SEVILHA—*Chico*, calle de Sierpes. Em Sevilha onde é proverbial a perfeição de calçado, elle é o primeiro. Toda a gente o sabe.

LISBOA—*Serra*, Rua do Alecrim recebe calçado do estrangeiro. Garente a sua duração e a delicadeza da fórma e do acabamento.

PERFUMARIAS

LISBOA—*Godfroy pére*, Chiado. Tem no seu estabelecimento de cabelleireiro o que ha de mais fino e *fashionable* em essencias, pomadas e cosmeticos.

MADRID—*Ramillete Earopeo*, Calle de Sevilha, 8.—Orgulha-se em offerecer aos seus freguezes a *crème de la crème* das encautas do toucador e do lavatorio.

LUVEIROS

LISBOA—*Baron*, Rua do Ouro.

Esta luvaria esmera-se no acabamento esmeradissimo dos seus artefactos, e acompanha todas as invenções.

PORTO—*Bonifacia*, Rua de Santo Antonio. A sua recommendação está em ter a sua freguezia exclusivamente na alta elegancia.

FUNDIÇÃO DO BOLHÃO

352, Rua de Fernandes Thomaz 352,

Este estabelecimento, tendo augmentado o seu machinismo e reformado o seu pessoal, está habilitado para a fabricação e collocação, tanto no Porto como nas provincias, de quaesquer construcções civis ou mechanicas, a preços reduzidos.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de coberturas metallicas, vigamentos, portões e varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, escadas, depositos para agua e azeite, estancarios e bombas, tubos de ferro fundido ou de chumbo, corêtos para jardim, ourinoes e todas as obras concernentes a fundição, serralheria ou mechanica.

Nos seus armazens ha sempre um grande sortimento de louça de ferro estanhado, fogões para cosinhas e salas, estufas, guarda brazas, fusos para lagares, carvoeiras, prensas para copiar e sellar, engarrafadores, arrolhadores e esmaga rolhas, corta-palhas, cruzes para mausoléos, torneiras de ferro e metal, bancos e cadeiras para jardim, ferros para brunir, torradores para café e muitos outros objectos proprios para uso domestico.

CHAPA ZINCADA PARA TELHADOS, LIZA E ONDEDA

TUBOS DE CHUMBO

Preços por kilo

De 15mm a 50mm, 140 réis—De 12,5mm, 1$0 réis—De 10mm, 220 réis

PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

GRANDE E UNICA LOTERIA

FEITA PELA

SOCIEDADE DO PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

NA

CIDADE DO PORTO

FIM DE DESENVOLVER OS INTUITOS DA SUA CRIAÇÃO

Legalmente auctorisado pelo Governo de Portugal

EXTRACÇÃO NO DIA 24 DE JUNHO DE 1883

1	GRANDE PREMIO DE REIS.....	50:000$000
1	GRANDE PREMIO DE REIS.....	20:000$000
1	GRANDE PREMIO DE REIS.....	10:000$000
2	premios de 5:000$000 de reis cada um	10:000$000
5	premios de 2:000$000 de reis cada um	10:000$000
10	premios de 1:000$000 de réis cada um	10:000$000
20	premios de 500$000 reis cada um....	10:000$000
100	premios de 100$000 reis cada um....	10:000$000
200	premios de 50$000 reis cada um.....	10:000$000
1:000	premios de 20$000 reis cada um.....	20:000$000

1:340 PREMIOS NO VALOR DE

CENTO E SESSENTA CONTOS

O sorteio realisar-se-ha na grande Nave Central do Palacio, sendo immediatamente publicada a lista dos premios e aberto o pagamento. Os originaes são representados por bilhetes inteiros, meios e quartos, assignados pela direcção do Palacio. E' prohibida a abertura de fracções ou cautellas, visto que a emissão d'esta loteria é propriedade exclusiva da Sociedade do Palacio.

Bilhetes desde já á venda nas principaes casas de cambio de Portugal e Ilhas

O Director Gerente do Palacio de Crystal=Porto=satisfaz pelo correio, para toda a parte, registo e porte franco, os pedidos acompanhados do seu importe em vales, notas de banco, ordens ou qualquer effeito de prompta realização.

Preços:—Bilhete inteiro, 10$000 reis—meio, 5$000 reis—quarto, 2$500.

Acceitam-se correspondentes, á commissão, em todas as terras do reino. Dirigir ao—Director Gerente do Palacio de Crystal—Porto.

IMPRENSA AVEIRENSE

LARGO DA VERA-CRUZ — AVEIRO

Esta Imprensa, que está hoje fornecendo impressos para grande parte do paiz, acha-se actualmente habilitada a tomar conta de todas as obras concernentes á arte typographica, taes como: livros, jornaes, estatutos, posturas, regulamentos, mappas, etc., garantindo a perfeição e nitidez dos seus trabalhos e a extraordinaria modicidade dos preços, que são inferiores a todos os das outras Imprensas.

Expediente

A «Locomotiva» deixará de ser enviada ás pessoas que até ao terceiro numero não pagarem as respectivas assignaturas.

A «Locomotiva» necessita de agentes nas differentes terras do paiz, não só para promoverem a venda do jornal, mas igualmente para fornecerem informações sobre os hoteis, meios de transporte, estabelecimentos industriaes, fabricas, monumentos e curiosidades das suas localidades, emfim sobre tudo que possa interessar os viajantes.

A «Locomotiva» tem por agentes para a sua venda o sr. Sebastião Vieira de Magalhães, do Porto, no kiosque da Praça de D. Pedro; e em Coimbra o sr. Antonio Tristão Vieira, rua no Paço, n.º 9; e na Figueira o sr. João José de Sousa.

A Locomotiva publicará os novos horarios dos Caminhos de Ferro, apenas se fixe a sua alteração.

A »Locomotiva» não auctorisa a sua venda em Aveiro, a não ser na sua Direcção ou pelos seus empregados.

A «Locomotiva» vae publicar brevemente uma chronica de Madrid elaborada pelo mais distincto humorista hespanhol.

A »Locomotiva» espera poder abrir, em poucos dias, uma secção dos salões portuguezes, outra do sport nacional, e outra ainda sobre as estações de banhos thermaes e de mar, Conta para isso com uma superior collaboração.

SUMMARIO

Um trecho da Delfina do Mal por Thomaz Ribeiro.

Em Francfort (continuação) pelo Visconde de Benalcanfôr.

Bota-fóra poesia por Fernando Caldeira.

O Zaire por F. R.

Terrores de mulher poesia por Luiz Guimarães.

Bosquejo historico dos caminhos de ferro por A. F. d'Araujo e Silva.

Real Fabrica de procellanas da Vista-Alegre por Marques Gomes.

As catacumbas de Pariz por Carlos Faria.

A locomotiva por M. V.

Imprensa Aveirense - Largo da Vera-Cruz-Aveiro